


ALDEIAS URBANAS TERENA EM SIDROLÂNDIA/MS: ASPECTOS SOCIOLINGÜÍSTICOS E A REALIDADE DO ENSINO DA LÍNGUA TERENA NA ESCOLA¹

URBAN TERENA VILLAGES IN SIDROLÂNDIA/MS: SOCIOLINGUISTIC ASPECTS AND THE REALITY OF TEACHING THE TERENA LANGUAGE IN SCHOOL

ALDEAS URBANAS TERENA EN SIDROLÂNDIA/MS: ASPECTOS SOCIOLINGÜÍSTICOS Y LA REALIDAD DE LA ENSEÑANZA DE LA LENGUA TERENA EN LA ESCUELA

 <https://doi.org/10.56238/arev8n5-040>

Data de submissão: 11/04/2026

Data de publicação: 11/05/2026

Altamira Cândido Valério Basílio

Mestre em Educação e Territorialidade

Instituição: Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Endereço: Mato Grosso do Sul, Brasil

E-mail: altamiravalerio@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-9148-9996>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2996906924837819>

Andérbio Márcio Silva Martins

Doutor em Linguística

Instituição: Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Endereço: Mato Grosso do Sul, Brasil

E-mail: anderbiomartins@ufgd.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1142-9219>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9593565168451258>

RESUMO

Neste artigo é apresentada a realidade sociolinguística das aldeias Nova Tereré e Nova Nascente, localizadas no município de Sidrolândia. É descrito também como tem ocorrido o ensino de língua Terena nas escolas indígenas dessas áreas. Parte-se do pressuposto de que a língua Terena tem perdido seu espaço de uso para a língua portuguesa em diversos contextos de comunicação por uma parcela significativa de falantes dessas comunidades. Diante disso, buscou-se verificar quem, de fato, tem usado a língua Terena, com que frequência, se ela está sendo transmitida para as novas gerações e qual tem sido o papel da escola na contribuição do processo de revitalização, fortalecimento e manutenção da língua. Compreende-se que o diagnóstico sociolinguístico é fundamental para planejar políticas linguísticas em prol do uso e da ampliação de uso de uma língua indígena.

Palavras-chave: Realidade Sociolinguística. Língua Terena. Ensino da Língua.

¹ Neste texto são apresentados resultados parciais de uma pesquisa realizada em nível de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade da Faculdade Intercultural Indígena da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGET/FAIND/UFGD) realizada por Altamira C. V. Basílio sob a orientação do prof. Andérbio M. S. Martins.

ABSTRACT

This article presents the sociolinguistic reality of the Nova Tereré and Nova Nascente villages, located in the municipality of Sidrolândia. It also describes how the Terena language has been taught in indigenous schools in these areas. It assumes that the Terena language has been losing ground to Portuguese in various communication contexts among a significant portion of speakers in these communities. Therefore, this study sought to verify who uses the Terena language, how frequently, whether it is being transmitted to new generations, and what role the school has played in contributing to the revitalization, strengthening, and maintenance of the language. It is understood that a sociolinguistic diagnosis is fundamental for planning language policies that promote the use and expansion of the use of an indigenous language.

Keywords: Sociolinguistic Reality. Terena Language. Language Teaching.

RESUMEN

Este artículo presenta la realidad sociolingüística de las aldeas de Nova Tereré y Nova Nascente, ubicadas en el municipio de Sidrolândia. Describe también cómo se ha enseñado la lengua terena en las escuelas indígenas de estas zonas. Se basa en la premisa de que la lengua terena ha ido perdiendo terreno frente al portugués en diversos contextos comunicativos entre una parte significativa de los hablantes de estas comunidades. Por lo tanto, este estudio buscó verificar quiénes utilizan realmente la lengua terena, con qué frecuencia, si se está transmitiendo a las nuevas generaciones y qué papel ha desempeñado la escuela en la revitalización, el fortalecimiento y el mantenimiento de la lengua. Se entiende que un diagnóstico sociolingüístico es fundamental para la planificación de políticas lingüísticas que promuevan el uso y la expansión de una lengua indígena.

Palabras clave: Realidad Sociolingüística. Lengua Terena. Enseñanza de Idiomas.

1 INTRODUÇÃO

Algumas línguas indígenas brasileiras, estão em estado crítico de vitalidade e, de certa forma, correm algum risco de desaparecimento. Trata-se de línguas que estão sob constante ameaça dada a necessidade dos falantes de aprenderem a língua portuguesa por uma questão de sobrevivência. O contato com o não indígena, cada vez mais intenso, tem fragilizado as culturas indígenas e, conseqüentemente, o uso de suas próprias línguas.

Somente a partir da promulgação da Constituição de 1988 é que, de fato, a educação escolar indígena e o ensino bilíngue obteve destaque devido às inserções dos direitos dos povos indígenas dentro da Carta Magna, na qual fica claramente evidenciado a possibilidade de um ensino bilíngue. A língua materna começa a ser valorizada e respeitada pelo documento maior em território brasileiro. Podemos pensar que o monolíngüismo em português sofrerá enfraquecimento, visto que as línguas minoritárias começam a ter mais espaços de execução e transcendência.

Os povos indígenas na atualidade têm experimentado um modelo de educação escolar que tende a ser bilíngue, mas que, em sua essência, ainda tem privilegiado a língua portuguesa como língua de instrução, sendo esta também a língua presente nos materiais didáticos e nos sistemas de avaliação. São inúmeras as experiências de educação escolar indígena desde então, na busca por uma educação bilíngue, autônoma, intercultural, específica, diferenciada e de qualidade.

O que se tinha antes da promulgação da Constituição de 1988 era uma educação escolar indígena totalmente assistencialista, baseada em objetivos de assimilação à sociedade nacional e fortemente ancorados pela fé, seja ela pelo sistema catequético, seja ela pelo protestantismo ou pelo próprio Estado. A experiências sobre os processos de escolarização e, principalmente, sobre a imposição de uma língua majoritária, culminou no desaparecimento de diversas línguas indígenas no Brasil.

Na atualidade, há a necessidade de traçar políticas públicas linguísticas para manutenção e revitalização das línguas indígenas no Brasil. São 526 anos de resistência, e, para isso, aborda-se esta pesquisa com um recorte feito para o povo terena, precisamente, os que residem nas Aldeias Nova Tereré e Nova Nascente no município de Sidrolândia – MS. Ambas podem ser consideradas aldeias urbanas com a presença de falantes língua materna Terena. Apresentamos neste artigo parte dos resultados de uma pesquisa realizada entre 2024 e 2025 junto a essas duas comunidades para conhecer a realidade sociolinguística das duas aldeias e como se dá o ensino de língua Terena em suas respectivas escolas.²

² A pesquisa foi realizada no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação e Territorialidade da Universidade Federal da Grande Dourados sob

Os Terena que habitam atualmente as aldeias Nova Tereré e Nova Nascente são oriundos de outras áreas indígenas, de municípios diferentes como: Aquidauana, Nioaque e Miranda. Trata-se de uma onda migratória recente, decorrente da necessidade de buscar melhores condições de vida. Trazem com eles, de certa forma, a realidade sociolinguística de suas respectivas áreas de origem. Por se tratarem de famílias de origens distintas e com experiências linguísticas variáveis, foi necessário investigar a realidade sociolinguística dessas áreas para que se possa propor políticas linguísticas que estejam de acordo com a realidade apresentada, tendo em vista que o objetivo do povo terena é manter a língua Terena viva. Desse modo, torna-se importante verificar quem ainda fala a língua e quem ainda a entende, tanto entre velhos, adultos, jovens, adolescentes e crianças. Com esse diagnóstico, o próprio ensino da língua em ambiente escolar pode ser revisto, considerando a possibilidade de ampliação do uso, de fortalecimento e de revitalização, nos casos em que os alunos já não possuem o Terena como primeira língua.

Para compreender a realidade sociolinguística das duas aldeias foi aplicado o questionário sociolinguístico semiestruturado aos moradores. Trata-se de um questionário elaborado por Silva (2001), adaptado à realidade pesquisada. Em seguida, os dados foram sistematizados e analisados, de modo que pudesse ser viável realizar a descrição da realidade sociolinguística.

Para entender como tem sido o ensino de língua Terena nas escolas, foi necessário realizar o acompanhamento das aulas nas escolas das duas aldeias: Escola Aide de Souza e Escola Nandi Pasilio. O trabalho etnográfico no âmbito escolar, realizado com base em André (1995) ocorreu no segundo semestre de 2024 e no primeiro semestre de 2025, o que permitiu elaborar uma descrição do ensino (o que se ensina e como se ensina) e os processos avaliativos, a fim de que subsidie uma construção curricular do ensino da língua a partir da realidade sociolinguística diagnosticada. A reflexão sobre o currículo e o ensino da língua está amparada no Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI, 1998).

Neste artigo, apresentamos parte dos resultados alcançados com a pesquisa. Na próxima seção, apresentamos uma descrição da realidade sociolinguística das aldeias Nova Tereré e Nova Nascente. Em seguida, descrevemos a realidade do ensino da língua Terena nas escolas dessas áreas e as considerações finais deste estudo.

2 A REALIDADE SOCIOLINGUÍSTICA NAS ALDEIAS NOVA TERERÉ E NOVA NASCENTE

As aldeias Nova Tereré e Nova Nascente, localizadas em Sidrolândia/MS, não são demarcadas, mas foram regularmente doadas pela Prefeitura Municipal de Sidrolândia por gestões que passaram

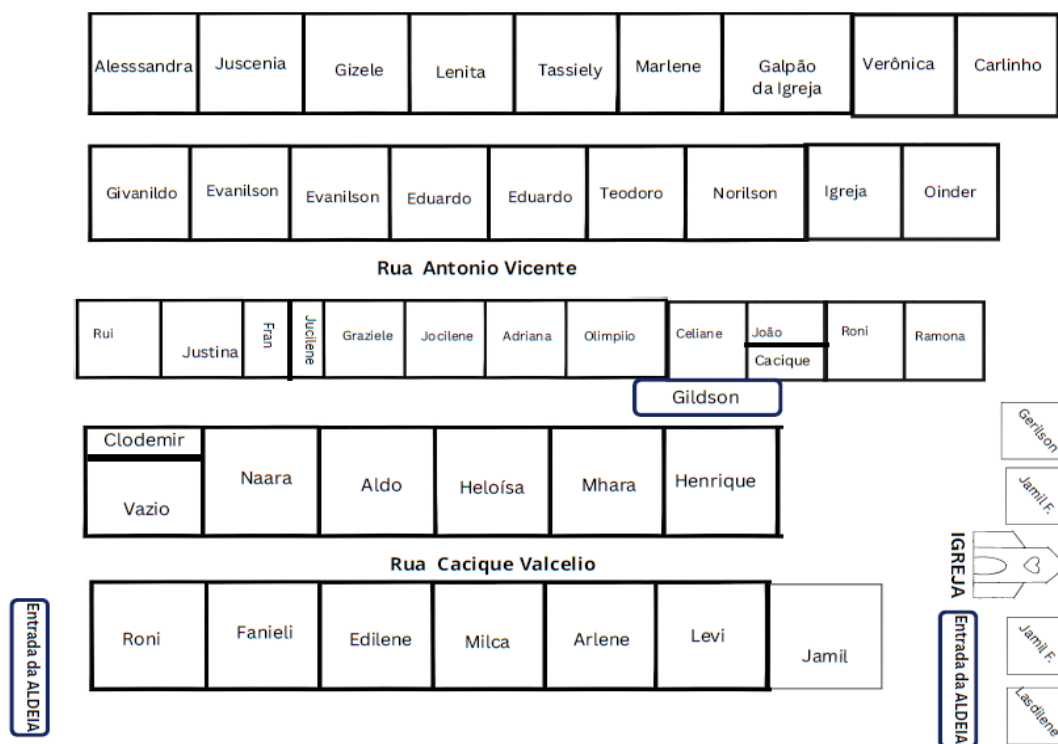
em tempos diferentes, por esse motivo, são reconhecidas pelo governo municipal e pela FUNAI regional de Campo Grande como área indígena. Cada uma delas muito bem estruturadas, com suas próprias lideranças e suas próprias organizações, assim respeitadas de acordo com suas especificidades.

Destaca-se que algumas pessoas que moram ali tiveram um casamento interétnico, tanto de pessoas indígenas de povos diferentes, quanto de pessoas indígenas com brancos. Essa realidade traz consigo alguns pontos relevantes e um deles é o contato linguístico e a necessidade de aprender mais de uma língua. Outro fator a ser destacado é a proximidade com a área urbana. Nova Nascente e Nova Tereré são separadas por uma rua da cidade, e o ato de ir e vir é corriqueiro, haja vista que mercados, farmácias, instituições financeiras, unidades de pronto atendimento, que são serviços consideráveis e utilizados pelas populações indígenas, ficam todas nas imediações. Para utilizar estes serviços é necessário então um certo domínio da língua portuguesa.

A convivência com os moradores das duas áreas indígenas e a sistematização dos dados resultantes da pesquisa de campo apontam que ainda há uma quantidade considerável de falantes da língua materna Terena dentro destas comunidades indígenas por mais que sejam consideradas aldeias urbanas, entre anciões, adultos, adolescentes e crianças, boa parte da população mantém o uso da língua Terena em sua rotina diária.

Sabe-se, contudo, que a história vivenciada pelos diversos povos indígenas em território brasileiro em relação a imposição da língua portuguesa, se arrasta por séculos (cf. D'Angelis, 2012). Com isso, é notório que a língua portuguesa tentou, de qualquer maneira, ocupar um espaço maior dentro das comunidades indígenas e, em várias delas, conseguiu exercer seu papel, que é ser majoritária. Os povos indígenas, por sua vez, têm buscado um novo modelo de fortalecimento linguístico que é a revitalização. O processo de revitalização ainda é algo novo, mas não é improvável desde que os maiores interessados estejam realmente empenhados.

Para mapear com detalhes, o uso linguístico nas aldeias Nova Tereré e Nova Nascente, foi aplicado um questionário sociolinguístico. Além disso, tivemos a contribuição fundamental de dois agentes de saúde: Marquinho Basilio, da Aldeia Nova Tereré, e Sabrina Basilio da Silva, da Aldeia Nova Nascente. Os dois profissionais são portadores de amplo conhecimento de cada habitante das aldeias onde atuam. A partir destes dois profissionais, foi possível construir o mapa físico das comunidades e, em seguida um apoio para mapear a realidade sociolinguística. A seguir, apresentamos o mapa de cada uma das áreas.



Civildade

Fonte: Basílio (2026, p. 89)

Não podemos delimitar a língua Terena como única ou igualmente falada em todos os territórios terena existentes no Mato Grosso do Sul. Ela apresenta variações, dependendo de sua localidade. Além disso, o contato com a língua portuguesa, em seus diferentes níveis de intensidade, resulta em empréstimos linguísticos, tanto em nível lexical quanto gramatical, em ambas as línguas. Essa “mistura” também produz novos dialetos. Desse modo, a aplicação do questionário sociolinguístico nos possibilita verificar tão somente a percepção que os falantes possuem acerca do domínio ou não da língua Terena. Não há instrumentos formais de avaliação que nos permite concluir o grau de domínio da língua. Confiamos, portanto, na percepção de cada entrevistado.

A seguir, apresentamos alguns dos resultados qualitativos da aplicação do questionário sociolinguístico semiestruturado. Destaca-se que a coleta foi realizada por meio de entrevistas. Dessa fase, participaram seis pessoas que representam bem as duas áreas pesquisadas, sendo um cacique, uma professora de língua Terena e um ancião da aldeia Nova Tereré; e um cacique, uma professora de língua Terena e um ancião da aldeia Nova Nascente. Em seguida, destacamos a relevância da totalidade dos colaboradores, tanto para a análise de dados, quanto para os resultados da sistematização.

2.1 ELIELSON BASILIO (CACIQUE DA ALDEIA NOVA TERERÉ)

Elieson Basilio, tem 41 anos, estudou até o 2º ano do ensino médio. Falante fluente da língua materna terena. O Uso da língua terena por ele é quase que extremamente predominante em todo o contexto diário. Dificilmente faz uso da língua portuguesa. Somente quando está na cidade ou precisa falar com alguma pessoa não-indígena. Casado com uma indígena terena proveniente da Aldeia Brejão do município de Nioaque. A mesma não é falante da língua materna, apenas entende algumas palavras.

A infância do cacique foi marcada somente pelo uso da língua terena. Pai, mãe, irmãos e demais familiares são todos falantes da língua materna. Fato que na Aldeia Bananal (aldeia de origem do Senhor Elielson) são, em sua maioria, falantes e utilizam a língua indígena com maior frequência em todas as ocasiões do dia: quando acordam, nas horas de refeições, brincadeiras e demais atividades diárias. Como sua esposa não é falante da língua terena, somente da língua portuguesa, seus filhos falam a língua portuguesa, mas, entendem a conversação na língua terena. Como afirma Elielson Basílio (2025): “aqui na nossa Aldeia Nova Tereré, usamos a nossa língua (terena). Só quando vamos para a cidade, aí falamos a língua do branco, mas, dentro da nossa comunidade, usamos a língua terena”. O cacique também fala da importância de ter crianças brancas dentro da escola indígena, mesmo sabendo das especificidades e grade curricular diferenciada. Eles conseguem aprender muito sobre o povo terena residente neste município, compreender a língua terena e até mesmo falar algumas palavras na língua indígena.

2.2 ENIVALDO Basilio (CACIQUE DA ALDEIA NOVA NASCENTE)

Senhor Enivaldo é natural da Aldeia Bananal, tem 48 anos de idade, cursou o fundamental 1. É cacique da Aldeia Nova Nascente. Falante fluente da língua materna terena. A língua terena esteve sempre presente na composição linguística familiar do senhor Enivaldo. Casado com a indígena terena, Miriane Basilio, falante fluente da língua indígena. Seus filhos são todos falantes da língua indígena e dominam muito bem a língua portuguesa. Considera-se, portanto, a sua família toda bilíngue fluente em ambas as línguas. Desde sua infância utiliza a língua materna Terena como primeira língua. Durante suas rotinas diárias, dentro de seu entorno familiar, o mesmo faz uso da língua indígena, pois seus pais, esposa, filhos, exceto suas noras, são todos falantes da língua Terena. Cacique Enivaldo fala sobre a importância de preservar a língua materna Terena em todo o seu contexto, seja ela dentro ou fora da aldeia Nova Nascente. Reafirma que a língua Terena é um “documento” enquanto temos fôlego de vida. Por sermos povos originários, cacique Enivaldo relata que não podemos deixar de falar, ensinar e fortalecer a nossa língua dentro da aldeia Nova Nascente.

O cacique reforça que estamos muito próximos dos brancos, talvez, podemos dizer que estamos misturados (convivendo) com eles e, por isso, não podemos deixar de aprender também a língua portuguesa, para que possamos nos defender. Fato este que é vivenciado pelos caciques que são falantes da língua Terena: dominar a língua portuguesa que é falada por onde quer que vão para dialogar a fim de trazer melhorias para suas comunidades. No contexto urbano, que é onde se concentram todas as áreas de “poder” administrativo, é necessário saber, entender e dialogar para interceder pelas necessidades das suas respectivas aldeias, considerando que é uma aptidão quanto líderes e autoridades maiores. Às vezes, os brancos vêm dentro da aldeia para se aproximar e, por isso, relata, temos que estar prontos para responder. Pode ser que os brancos vêm para aldeia para ajudar a comunidade e, por esse motivo, o cacique afirma que precisamos estar cientes e entender também o que se diz na língua portuguesa, para nos defender, dialogar em espaços oportunos. O uso linguístico de maior facilidade, da família do cacique Enivaldo é a língua materna Terena. Assegura que, dentro da Escola Municipal Indígena Extensão Aide de Souza, recomenda o fortalecimento e consolidação do uso da língua terena como um dos elementos principais da cultura terena. O vínculo entre escola e comunidade é um fator relevante para unificação e alicerce para os objetivos traçados por ele, enquanto cacique e liderança maior dentro de sua comunidade.

2.3 BENE HAIL CLEMENTINO SOL ASSIS, PROFESSORA TERENA

A professora Bene tem 43 anos de idade, formada em pedagogia. Não é falante da língua materna terena, mas tem boas recordações de sua infância, na qual os avós maternos falavam algumas palavras com ela e, sempre curiosa, gostava de repetir as palavras que ouvia dos avós. Ela não fala, não lê e não escreve, mas entende um pouco, pois convive com pessoas falantes da língua terena em seu ambiente de trabalho (professoras, alunos): “Embora eu não seja falante da língua terena, reconheço valor que ela tem dentro da minha família e de minha comunidade” (Bene Hail Clementino Sol Assis, 2025).

Segundo Bene, a língua terena, é um símbolo de identidade e resistência, e seu ensino nas escolas indígenas fortalece o vínculo entre as gerações que já passaram, que passam e os que estão por vir ainda. Tem presenciado familiares diretos e membros da comunidade, pais de alunos, utilizando palavras ou expressões em Terena, o que demonstra o esforço em manter viva essa forma de comunicação. A língua, enquanto expressão viva da cultura, permite o fortalecimento das tradições e o reconhecimento das raízes históricas da comunidade. Nesse processo, Bene, reafirma que a participação da comunidade e da família é essencial, pois são elas que mantêm o uso cotidiano da língua, compartilhando saberes, histórias e práticas culturais. A parceria entre escola, comunidade e

família assegura um ensino bilíngue mais eficaz, promovendo o desenvolvimento linguístico e cultural dos alunos. Dessa forma, a escola indígena se torna um espaço cultural e de reafirmação de identidade do povo terena.

2.4 DENISE BASILIO FRANCISCO – PROFESSORA TERENA

Denise tem 43 anos de idade, formada pelo Centro de Formação de Professores Indígenas. A professora Denise, se autodeclara como monolíngue na língua terena. Nascida e criada dentro de uma família tradicional terena, falantes somente da língua terena. Destaca a memória que tem de seus anos escolares em comparação com a sua formação e atuação como professora atualmente: “Parece que volto lá trás, na escola onde estudava, quando converso com as crianças” (Denise Basilio Francisco, 2025).

Gosta muito do seu local de trabalho (escola). Alega que traz boas lembranças de sua época quando era criança e de quando iniciou a sua vida escolar. Como é professora da educação infantil (pré 1 e 2), utiliza muito a oralidade e musicalização na língua terena para interagir com seus pequenos alunos que estão iniciando a vida escolar. Denise relata que o ensino da língua Terena é importante e ajuda as crianças a conhecer a sua identidade, sua cultura. Frisa ainda que, para se ter um bom resultado do ensino e aprendizagem dos alunos na língua terena, a primeira forma de falar vem de casa, com a família, somente a partir daí pode-se ter sucesso no ensino – aprendizagem e fortalecimento da língua terena. Finalizando a participação da professora, ela afirma que, a comunidade em si tem que ajudar com os conhecimentos dos anciãos. Contribuir com seus saberes na escola. E a escola tem o papel de ajudar os alunos a conhecer sua identidade, sua crença, a cultura, os remédios caseiros e demais critérios que abrangem a cultura terena:

Hoje em dia se vê muitos pais que não dão valor na língua materna terena, não apoiam o uso da língua. Sendo que estes pais são falantes da língua terena, mas preferem ensinar os filhos a falar na língua portuguesa como 1ª língua. Isso enfraquece o uso da língua Terena e não é isso que queremos. Queremos ver as crianças crescerem, valorizando a cultura terena, fortalecendo a língua materna terena, repassando e ensinando sobre os saberes tradicionais dos anciãos. Eles são o futuro (Denise Basilio Francisco, 2025).

2.5 ELIZETE DA SILVA - ANCIÃ TERENA DA ALDEIA NOVA TERERÉ

Dona Elizete da Silva tem 70 anos de idade. É moradora da Aldeia Nova Tereré. Morava com sua família em Aquidauana/MS, na aldeia Bananal, antes de ir para Sidrolândia/MS. Anciã da aldeia, dialoga de forma leve e fica bem à vontade para falar da língua materna Terena. Para ela, a língua Terena é muito importante, principalmente para os que saíram da aldeia Bananal. Foi para Sidrolândia em busca de melhorias de condições para seus filhos e netos. Ela é viúva do patrono da Escola

Extensão Nandi Pasilio. A anciã relatou que a maioria das crianças já não quer mais falar a língua indígena, somente a língua portuguesa. E, conseqüentemente, a língua portuguesa vem ganhando espaço dentro da aldeia Nova Tereré: “não podemos deixar isso acontecer! Deixar a língua terena, para falar só a língua do branco!” (Elizete da Silva, 2025).

A anciã afirmou que precisamos sim da língua portuguesa, mas precisamos mais da língua Terena, que faz parte da nossa identidade: “A língua do branco, usamos para dialogar com o branco” (Elizete da Silva, 2025). Há bastantes crianças que já não falam mais, pois os pais não ensinam. Os netinhos da anciã já não são falantes da língua Terena. O ensinamento que é repassado nas escolas é muito importante, pois as crianças que não são falantes na língua indígena procuram aprender e quase sempre a anciã ajuda na tradução das palavras. Elizete afirma ainda que: “o essencial é ensinar a língua indígena desde pequeno, mas hoje em dia é difícil, pois os pais desta geração estão utilizando somente a língua portuguesa”.

Segundo a anciã, muitos parentes Terena já não falam mais na língua indígena. E precisam fazer a busca ativa da língua para as crianças que são o futuro. Ela se lembra que num determinado evento, na cidade de Campo Grande, em meio aos “brancos”, pediram a ela que falasse na língua Terena e ela prontamente falou. Ressalta que hoje em dia, os mais jovens estão se casando e não estão mais falando na língua Terena com seus filhos e, mais uma vez, ela reforça a necessidade de preservar quem nós somos: “indígenas terena, falantes da língua Terena”.

2.6 JOÃO BASILIO – ANCIÃO DA ALDEIA NOVA NASCENTE

João Basilio é ancião da Aldeia Nova Nascente. Ele tem 80 anos e foi o principal interlocutor desta pesquisa desde o início. Falante com maior frequência da língua Terena, seja ela em família, com sua esposa, filhos e netos. Não tem dificuldade nenhuma com a língua indígena, pois sempre a utilizou no dia a dia. O ancião fala pouco em língua portuguesa, pois alega que precisa entender e compreender o que é dito na língua portuguesa: “Às vezes vêm pessoas da cidade para a Aldeia, os não-indígenas e, por isso, tem que aprender a língua portuguesa” (João Basilio, 2025).

O ancião se lembra bem de uma reunião, na aldeia Água Azul – Dois Irmãos do Buriti/MS, onde se faziam presentes indígenas e não-indígenas. Na ocasião, o cacique em exercício vendo que havia um público considerável, pautou na língua Terena, dizendo que não iria falar na língua portuguesa por ser indígena e ser falante de sua língua materna. Fato que ocorre quase que constantemente dentro das aldeias Nova Tereré e Nova Nascente onde, ambos os caciques, são falantes da língua Terena. Hoje em dia, até os não indígenas querem virar indígenas, ressaltou João Basilio (2025).

Ao ser questionado sobre o que pensa a respeito da língua: ela poderá acabar um dia? Ele disse que não. Enquanto estivermos vivos precisamos ensinar e fazer a nossa parte em relação à nossa língua, afirmou: “em outras aldeias, já não há mais falantes da língua, mas nós precisamos fazer algo para não acabar” (João Basilio, 2025).

A participação ativa dos colaboradores da pesquisa foi fundamental para entender melhor a realidade sociolinguística em ambas as comunidades. O acompanhamento escolar e até mesmo a convivência com as famílias nos permite observar que os entrevistados são bilíngues uma vez que os mesmos admitem que falam mais a língua Terena, fortalecendo a identidade étnica, do que a língua portuguesa, principalmente a geração mais idosa (anciões), que faz o uso direto da língua Terena, recorrendo à língua portuguesa apenas como um sistema de comunicação com os “não indígenas”.

Já a geração mais nova (crianças e adolescentes) fazem muito pouco o uso da língua Terena, quase que se desvinculando dela. A reflexão feita nesse tipo de comportamento é que os mais novos não sentem necessidade de utilizar a língua Terena porque já se acostumaram e se habituaram com a língua portuguesa. Para esta geração, é mais vantajoso ter o domínio somente da língua majoritária, meio pelo qual conversam entre si (indígenas) e com outras crianças não indígenas sobre vários assuntos. Trata-se de uma geração mais atenta às inovações da atualidade, se conectam com muita facilidade ao mundo tecnológico e globalizado. Fato preocupante, pois deixa a situação da língua Terena ainda mais crítica.

Entretanto, as duas comunidades trabalham com a preservação cultural da língua Terena. Vê-se uma solução entre família e escola. É preciso o esforço mútuo, trabalho coletivo com a comunidade, pais de família que precisam compreender a importância do uso da língua dentro de casa, em seu cotidiano, para que a língua seja fortalecida na escola. Através deste levantamento foi atualizado o quantitativo de habitantes e sua distribuição dentro das suas comunidades. A aldeia Nova Tereré possui atualmente 316 habitantes, e a Aldeia Nova Nascente, por sua vez, possui 380 habitantes.

Os resultados baseados na aplicação do questionário sociolinguístico estão sistematizado no quadro a seguir:

Quadro 01: Realidade sociolinguística – Aldeias Nova Tereré e Nova Nascente

Aldeias	Total de habitantes	Falam a língua Terena	Não falam Terena, mas entendem	Não falam e não entendem Terena
Nova Tereré	316	131	110	75
Nova Nascente	380	165	143	22

Fonte: Basilio (2026, p. 91)

Pelo quadro 01, verifica-se que, agora, há mais falantes de língua Terena que não falantes nas aldeias Nova Tereré e Nova Nascente. E há também uma quantidade significativa de pessoas que já não falam, mas entendem. A questão é que o primeiro grupo, constituído por falantes da língua Terena, é composto pelas pessoas mais velhas da comunidade. O segundo grupo (formado por pessoas que só entendem, mas não falam Terena), por sua vez, é constituído por adultos. O terceiro grupo (pessoas que não falam e não entendem) é formado por jovens, adolescentes e crianças. Esse quadro revela um nível de vitalidade perigoso, pois a transmissão da língua de geração para geração parece ter sido interrompida. Os falantes usam a língua entre si e com os que entendem, as crianças, por sua vez, só interagem com os anciãos, adultos e entre si em língua portuguesa.

É notório que se necessita de políticas públicas voltadas para a questão linguística da comunidade em geral. De fato, o que vem a ser uma política linguística? tal conceito precisa ser esclarecido para os mais interessados: comunidade terena, em geral. Segundo D'Angelis (2012), todos sabem o que são políticas: são propostas ou planos gerais para uma sociedade ou um setor dela. Tendo este conhecimento, sabemos que, quando falamos em política, falamos em escolhas. Para isso, as escolhas são feitas para atender as necessidades de um grupo social e, neste caso são as sociedades indígenas terena que efetivamente escolhe revitalizar a sua língua materna:

A política linguística é uma proposta sobre a situação linguística de uma comunidade. Normalmente as políticas linguísticas surgem onde existe mais de uma língua sendo usada em uma comunidade ou, pelo menos, mais de um dialeto de uma mesma língua (D'Angelis, 2012, p.163).

A língua materna Terena é um patrimônio valioso deixado pelos nossos antepassados. Faz-se necessário pensar numa proposta de política linguística que defenda e mantenha viva a língua materna dentro das comunidades. O próximo passo é compreender com mais segurança e amplitude sobre a política linguística a ser adotada não só pela escola, mas também pela comunidade em geral.

3 O ENSINO DA LÍNGUA TERENA NAS ESCOLAS DAS ALDEIAS NOVA TERERÉ E NOVA NASCENTE

As aldeias possuem suas próprias Extensões escolares, sequencialmente ilustradas abaixo:

Imagem 1: Extensão Nandi Pasilio- Aldeia Nova Tereré



Fonte: Basílio (2026)

Imagem 2: Extensão Aide de Souza- Aldeia Nova Nascente



Fonte: Basílio (2026)

Ambas as escolas possuem organizações curriculares vindas diretamente da secretaria de educação municipal. As disciplinas ministradas em sala de aula, na educação infantil são: Linguagem Oral e Escrita, Matemática, Natureza e Sociedade, Identidade e Autonomia e Música. As disciplinas ministradas no ensino fundamental 1 são: Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História, Ciências, Atividades de Mediação Curricular, Arte, Educação Física e Língua Materna Terena.

A língua materna Terena possui uma carga horária de 2 horas aulas semanais nas turmas de pré-escola 1 e do pré-escola 2. A carga horária é maior quando os alunos vão para o fundamental 1, que passa de 2 horas para 3 horas aulas semanais. Nos anos letivos de 2024 e 2025, tivemos a oportunidade de acompanhar o ensino da língua materna Terena em sala de aula. O primeiro ponto que nos chamou a atenção e que foi destacado pelas docentes que não há materiais específicos voltados para o ensino da língua Terena. Com relação às crianças desta atual geração, pode-se afirmar também que são poucas as que ainda falam na língua Terena. Um desafio a ser superado.

O documento de base de construção de diálogos e aprendizagens é o RCNEI (1998), pois norteia amplamente a educação escolar indígena como um todo, principalmente, no aspecto linguístico:

O objetivo geral da área de Línguas é criar situações para que o aluno desenvolva sua capacidade de se comunicar oralmente, cada vez melhor, e para que ele se torne um bom leitor e escritor. Tudo isso o aluno aprende ouvindo, falando, lendo e escrevendo. Há momentos, entretanto, em que ele precisa parar e pensar sobre o funcionamento da(s) língua(s). Isso é necessário, por exemplo, para que ele possa melhor utilizá-la(s) na escrita” (RCNEI, 1998, p. 138).

3.1 O ENSINO DE LÍNGUA TERENA NA ESCOLA EXTENSÃO NANDI PASILIO DA ALDEIA NOVA TERERÉ SEGUNDO ROSEMEIRE FRANCISCO BASILIO – PROFESSORA TERENA

A professora Rosemeire é professora terena, de 34 anos, formada em Pedagogia, com pós-graduação em alfabetização e letramento e educação inclusiva, Letras-Libras. Na sua infância, morou na aldeia rural, especificamente na Aldeia Bananal que, por sua vez, é uma aldeia bem distante da área urbana, ficando, aproximadamente, 60 quilômetros do município de Aquidauana. Lá só falava a língua Terena, não tinha contato com os falantes de português. No contexto familiar atual, a professora é casada, tem uma filha de 9 anos. Ela ressalta que, durante o dia a dia, a família não faz uso da língua portuguesa, somente da língua terena. Na hora das refeições, conversação normal do dia a dia, rotinas, afazeres, brincadeiras e diálogos, só utiliza a língua materna Terena. A filha da professora é falante somente da língua portuguesa, mas entende tudo da língua Terena, responde espontaneamente aos chamados da mãe, e dos familiares maternos. Na escola aprende mais sobre a língua. É bastante expressiva e atenta ao aprendizado e aprimoramento da língua materna Terena. Quando sai para brincar, em momentos de lazer, a filha da professora utiliza a língua portuguesa, principalmente com os familiares paternos, pois são falantes somente da língua portuguesa, apesar de que ela se considera bilingue, já que possui habilidade de entendimento das duas línguas (Terena e português)

De acordo com a professora, o ensino da língua Terena é planejado para que nas aulas sejam trabalhadas as duas modalidades da língua, oral e escrita, evidenciando a cultural local, a preservação de identidade e a construção do domínio gramatical e do vocabulário da língua. Os materiais didáticos utilizados são os livros confeccionados pela Ação Saberes Indígenas na Escola, como por exemplo, os textos e atividades na língua Terena.

Para a aprovação do aluno na disciplina, a professora leva em conta o domínio na escrita e na leitura, traduções de palavras, frases, textos de forma oral e/ou escrita da língua portuguesa para a língua Terena. Isso para as turmas do 3º ao 5º ano. Para as turmas de pré 1 e 2, 1º e 2º ano, a professora trabalha com oralidade, apresentação das palavras, alfabeto terena, para que os alunos conheçam de

forma escrita e oralizada a língua indígena. Avalia também a participação ativa dos alunos em geral, interação em sala de aula, trabalhar e agir coletivamente uns com os outros e também com a professora. As aulas são bastante dinâmicas.

Não há suporte de materiais pedagógicos vindos da secretaria de educação local. Todos os materiais que vem de lá são em língua portuguesa. Quando os utiliza, faz a tradução dos textos e das atividades para a língua terena.

Sobre uma possível perda da língua, a professora considera que a língua Terena não pode acabar. Mas concluí que a escola Nandi Pasilio precisa de uma ação em conjunto com a comunidade pela necessidade de preservação da língua. Não somente conscientizar, mas traçar possíveis soluções coletivamente para seu fortalecimento.

Na Escola Municipal Indígena Extensão Nandi Pasilio funciona, desde o ano de 2021, a Educação Infantil: Pré I, Pré II e, o ensino fundamental 1: 1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano. Neste ano de 2026, foi entregue o 2º documento oficial no qual a comunidade escolar, lideranças locais e pais de alunos solicitaram a formalização da implantação da Escola Pólo, em momento oportuno de inauguração da escola em que estavam presentes várias autoridades do município de Sidrolândia. É um ato de resistência contínua para o avanço e melhorias para as futuras gerações. A defesa da cultura, território, a língua materna e, para isso, se fazem necessárias estas ações e diálogos com governantes.

3.2 O ENSINO DA LÍNGUA TERENA NA EXTENSÃO AIDE DE SOUZA SEGUNDO A PROFESSORA MARILEIDE FRANCISCO BASILIO

A pesquisa realizada com a professora Marileide ocorreu no ano de 2025. É terena, falante fluente da língua indígena, residente da Aldeia Tereré. É professora da língua materna Terena na EMI Extensão Aide de Souza, na Aldeia Nova Nascente. Formada em Pedagogia: Licenciatura Intercultural, oferecida pela UFMS de Aquidauana.

Desde muito pequena sempre se expressou em Terena. Muito dificilmente havia necessidade de falar na língua portuguesa. Proveniente da Aldeia Bananal do município de Aquidauana, sua vida sempre foi marcada pela língua Terena. Foi entrar em contato com a língua portuguesa quando chegou à idade escolar e precisou ir para a escola. Até então, o único contato era somente com a língua indígena. Durante a sua rotina diária, a professora fala na língua portuguesa, pois seu esposo e filhos não são falantes da língua Terena. Afirma que a língua Terena é uma identidade que carregamos na veia como indígena.

Assim como a professora Rosemeire, a professora Marileide afirma que os materiais que vem da secretaria de educação são todos na língua portuguesa e, quando os utiliza, faz sua própria tradução.

Além disso, a professora produz seus próprios materiais e utiliza os materiais da Ação Saberes Indígenas na Escola produzidos por professores que são falantes da língua Terena. Descreve que os seus alunos se consideram bilíngues, pois entendem bem a oralidade nas duas línguas, por mais que sejam falantes só da língua portuguesa. A mesma acha importante falar a língua portuguesa para se comunicar com outras pessoas, mas sempre valorizar a língua terena. Ao perguntar à professora qual língua ela acha mais difícil, a mesma me respondeu que, com certeza, é a língua portuguesa, devido ao costume que sempre teve de falar a língua Terena.

Quanto ao ensino da língua e os processos de avaliação, a professora procura inovar a cada aula. Leitura de palavras em terena, imagens para serem traduzidas para a língua indígena. Utiliza o alfabeto terena para poder ler palavras e textos, jogos de dominó em terena, ditado visual na língua terena e bingo na língua terena. Para serem aprovados, os alunos precisam ter domínio na fala, escrita e entendimento da língua. Ter envolvimento com as práticas pedagógicas realizadas pela professora. As crianças, em sua maioria, são filhos de pais falantes da língua indígena. Ela acredita que o acesso à internet, jogos virtuais, proximidade com a área urbana, entre outros, acarretaram o uso do português.

A visão ao longo desta pesquisa é nítida no fato de que a escola sozinha não vai revitalizar, recuperar ou manter viva uma língua indígena. Por mais que seja uma escola indígena, ela ainda é controlada por uma instituição pública de interesse do Estado, cabe à comunidade demonstrar seu interesse pela manutenção da língua, reafirmando a coletividade entre a família e a escola, como essenciais no processo de ensino e aprendizagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua materna foi duramente massacrada. Assim como costumes, aspectos culturais e tradições. O recorte feito para o povo terena que habita as aldeias Nova Tereré e Nova Nascente, no município de Sidrolândia, demonstra que, apesar de toda uma política pública voltada claramente para os subsídios da Educação Escolar Indígena, ao Etnoterritório Povos do Pantanal (recentemente temos a portaria do MEC Nº 539/2025), pouco se faz para as práticas e consolidação de diversos dispositivos que defendem as especificidades e particularidades dos povos indígenas. Haja vista que este fato não se restringe apenas ao Estado de Mato Grosso do Sul, mas se alastra por todo território brasileiro. Essa escrita, não tem objetivo de lastimar tais fatos, mas de ressaltar que estamos aqui, no contexto de compreensão e conhecimento sobre todo o processo ocorrido desde a invasão até os dias atuais. Obviamente que houve consideráveis progressos e evoluções no que tange à educação escolar para os povos indígenas, mesmo que a lentos passos. A Constituição Federal de 1988 foi um marco legal para o reconhecimento e valorização dos aspectos culturais, processos próprios de aprendizagem e para o

ensino da língua materna. Dessa forma, é esboçada, mesmo que, de forma fragilizada, a língua terena. Considerando que há vários contextos que se diferem de região para região, certo de que pertencemos ao mesmo povo, mas os ensinamentos e a forma de escrita e oralidade são diferentes. Para isso, é necessário criar cenários e logísticas que realmente atendam as demandas das Aldeias Nova Tereré e Nova Nascente.

No decorrer da pesquisa de campo, ficou clara a realidade sociolinguística das duas aldeias. A língua materna Terena ainda vive dentro dessas localidades para determinada faixa etária, como anciãos, adultos e adolescentes que, em sua maioria dispõem da língua. As crianças pequenas e as que estão em idade escolar, compreendem, mas não falam. Por mais que sejam filhos e netos de falantes bilíngues, esse público “escolheu” não falar. Os motivos são variados. Eles ouvem na língua Terena, mas respondem em língua portuguesa. Dentro do contexto familiar, a geração mais nova (crianças) são bilíngues passivos e a língua de instrução oral é a língua portuguesa. De acordo com o RCNEI:

É importante entender, entretanto, que é possível impedir que uma língua indígena desapareça. Para isso é preciso que, em primeiro lugar, seus falantes percebam as causas que estão colocando em risco a sobrevivência de sua língua e, em segundo lugar, que assumam o compromisso de tentar brecar avanços da língua dominante, criando estratégias para tanto (RCNEI, 1998, p. 110).

Mediante a afirmativa e considerando o decorrer das pesquisas de campo, os entrevistados, possuem como língua de instrução oral a L1 (língua terena), com algumas necessidades de caminhar para a L2 (língua portuguesa), quando percebe que o receptor não entende a L1. O fato é que o risco é inevitável. A nova geração, que é o futuro dentro de suas comunidades, conforme ao longo dos anos e de acordo com o avanço do capitalismo refletindo de forma direta dentro das aldeias, preferem fazer uso da língua portuguesa.

Considerando essa realidade, os pais de alunos preferem que seus filhos dominem a língua portuguesa como um instrumento de defesa quando futuramente ingressarem em qualquer situação no contexto urbano, seja de estudos ou trabalho. Por outro lado, boa parte da comunidade não quer perder a língua indígena, por ser a identidade cultural do povo terena. Há necessidade de equilibrar os estudos das duas línguas.

Com base nos estudos e levantamentos de pesquisas de campo com os moradores da Aldeia Nova Tereré e Nova Nascente, ficou evidente que há o desejo de preservação da Língua Terena e sua revitalização onde há possíveis falhas de entendimento e compreensão. Há vontade de fazer com que seja oferecido um ensino e uma formação escolar que possibilite a futura geração caminhar pelos dois

mundos diferentes: indígena e não indígena. De não negar a sua própria identidade, em valores, cultura e língua materna.

Considera-se que diversas medidas precisam ser tomadas, de acordo com as especificidades de cada comunidade, para que a língua terena e seu processo de ensino alcance êxito. A formação continuada para professores indígenas precisa ser considerada, pois há um conjunto de particularidade que precisa ser alinhado para fortalecer a base e os laços sociais de conhecimento e respeito coletivo, a fim de formar um cidadão indígena convicto de sua língua, cultura e costumes.

A continuidade deste estudo parte de uma preocupação em como manter viva a língua materna Terena onde a nova geração já utiliza a língua portuguesa como primeira língua. A ideia é iniciar um trabalho realmente ativo relacionado à readequação do currículo para as escolas indígenas voltadas para o fortalecimento cultural e da língua indígena. Parte também de um anseio de construção de materiais que possam, de fato, atender as necessidades do ensino da língua em contexto escolar. Para isso, a produção de materiais e a consolidação destes materiais da Ação Saberes Indígenas na Escola são primordiais e importantes para conservação linguística das comunidades terena Nova Tereré e Nova Nascente.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza D.A. de. **Etnografia da prática escolar**. 18.ed. Campinas/SP: Papirus, 1995. (Série Prática Pedagógica).
- ASSIS, Bene Hail Clementino Sol. **Entrevista concedida em: 18 de outubro de 2025**. Aldeia Nova Tereré, 2025.
- BASÍLIO, Altamira Cândido Valério. **Realidade sociolinguística das aldeias Nova Tereré e Nova Nascente – Sidrolândia/MS e o ensino de língua Terena na escola indígena**. 118f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Educação e Territorialidade) – Universidade Dourados: UFGD, 2026.
- BASILIO, Elielson. **Entrevista concedida em: 17 de outubro de 2025**. Aldeia Nova Tereré, 2025.
- BASILIO, Enivaldo. **Entrevista concedida em: 17 de outubro de 2025**. Aldeia Nova Nascente, 2025.
- BASILIO, João. **Entrevista concedida em: 05 de março de 2025**. Aldeia Nova Nascente, 2025.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria MEC Nº 539, de 24 de julho de 2025**. Institui a Política Nacional de Educação Escolar Indígena nos Territórios Etnoeducacionais - PNEEI-TEE. Brasília: Ministério da Educação, 2025. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-mec-n-539-de-24-de-julho-de-2025-644416950>. Acesso em: 5 maio 2026.
- D'ANGELIS, Wilmar. **Aprisionando sonhos: a educação escolar indígena no Brasil**. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2012.
- FRANCISCO, Denise Basilio. **Entrevista concedida em: 18 de outubro de 2025**. Aldeia Nova Nascente, 2025.
- FRANCISCO, Marileide Basilio. **Entrevista concedida em: 23 de outubro de 2025**. Aldeia Nova Nascente, 2025.
- FRANCISCO, Rosemeire Basilio. **Entrevista concedida em: 17 de outubro de 2025**. Aldeia Nova Tereré, 2025.
- SILVA, Maria do Socorro Pimentel da. **A situação sociolinguística dos Karajá de Santa Isabel do Morro e Fontoura**. Brasília: FUNAI/DEDOC, 2001.